

A FECUNDIDADE DA POPULAÇÃO LIVRE EM UMA ECONOMIA DE PLANTATION.

INTRODUÇÃO

Prof. Dr. Paulo Eduardo Teixeira
Faculdades Integradas Fafibe
mpm@mdbrasil.com.br

Os estudos acerca da família, originados a partir da década de 1970 no Brasil, tiveram como suporte metodológico a demografia histórica. Maria Luiza Marcílio foi pioneira em realizar trabalhos dessa natureza, sendo seus estudos ponto de referência necessário para aqueles que resolvem trilhar nesse caminho, tais como sua tese de livre docência, intitulada *Crescimento demográfico e evolução agrária paulista: 1700-1836* (1974), e seu famoso estudo demográfico sobre a localidade de Ubatuba: *Caiçara: terra e população* (1986).

Lendo e pensando sobre os trabalhos dessa historiadora partiu a proposta de estudar um sistema demográfico representativo das economias de “plantation”, que foi o caso de Campinas, uma vez que, segundo a própria Marcílio inexistiam “estudos de demografia histórica das populações livres do setor da grande lavoura do Brasil” (Marcílio, 1984, p.200).

Mas o que seria estudar um sistema demográfico representativo da grande lavoura? Sabemos que no Brasil escravista, certas áreas foram mais ou menos influenciadas pela presença da população cativa, sendo que em Campinas o peso da mesma se fez sentir mais forte no conjunto da população a partir do momento em que a lavoura da cana-de-açúcar foi implantada enquanto eixo principal da economia local a partir do final do século XVIII. Assim, poderíamos supor que estudar o sistema demográfico em Campinas seria realizar um estudo tanto da população livre quanto da população escrava. No entanto, essa tarefa requereria um duplo esforço, pois na realidade, o que temos em uma sociedade como a campineira, nesse período, são dois sistemas demográficos distintos: o da população livre e o da população escrava. Não obstante, não podemos, ao estudar a população livre, desconsiderar a população cativa, pois a mesma refletiu os

interesses da camada de pessoas livres e que foram responsáveis pela importação de escravos para a dita localidade. Nesse caso, embora nosso objetivo seja o de estudar o sistema demográfico da população de livres e libertos, não podemos desconsiderar o tamanho e a participação da população escrava nesse contexto. Cabe aqui apenas salientar que esse estudo se ateve apenas a população livre e liberta.

O que ensejamos nas páginas seguintes é dimensionar o alcance de nossa pesquisa que possibilitou vislumbrar o ritmo de crescimento populacional de Campinas que se operou durante a expansão da lavoura canavieira do final do século XVIII aos meados do XIX (Cf. Teixeira, 2005). Deve-se dizer que estes resultados são o produto final de nossa tese de doutorado, que se baseou nos registros paroquiais de Campinas e nas listas nominativas de habitantes como fontes que metodologicamente foram tratadas através da reconstituição de famílias, método desenvolvido por Louis Henry, e por nós aplicado em sua versão informatizada pelo programa Sygap (Système de Gestion et d'Analyse de Population).

ANÁLISE DEMOGRÁFICA DA FECUNDIDADE

Para Campinas, o cálculo da taxa bruta de natalidade¹ para o ano de 1794 foi de 53‰, ao passo que em 1814 ela atingiu 70‰, e em 1836 essa cifra chegou aos 112,2‰! Esse indicador, embora de forma simplificada, revela um crescimento significativo da população. Em Ubatuba, segundo Marcílio (1986, p.156), no ano de 1798 a taxa bruta de natalidade dos caiçaras foi de 43‰, e em 1818, chegou a 47,6‰. Esses dados comparativos sugerem a existência de dois modelos demográficos distintos, portanto, estudar os padrões de Campinas de forma mais detalhada implica em recorrer a técnica da reconstituição de famílias, pois os dados da taxa bruta de natalidade ou taxa anual média de natalidade, como também é chamada, usam como denominador a população total, sendo que em realidade apenas uma parte dela está sujeita a procriação (Welti, 1997, p.107).

¹ O cálculo da taxa bruta de natalidade corresponde à divisão do número de nascimentos em um determinado ano pela média da população do mesmo ano, multiplicado por 1.000.

Assim, estudar a fecundidade da mulher que potencialmente possa gerar uma descendência, ou seja, aquelas que se situam entre 12 e 49 anos, eis o caminho mais adequado.²

O estudo da fecundidade necessita que se tenha um determinado número de famílias que contenham dados de início e fim de união, bem como informações seguras sobre a prole resultante de um dado matrimônio. O Sygap então seleciona apenas as ditas famílias completas para efetuar os cálculos demográficos relativos a fecundidade, possibilitando um conhecimento da realidade de forma mais apropriada.

A taxa de fecundidade legítima é um dos meios adequados para avaliar a força da natalidade de uma dada localidade. A tabela 1 apresenta a taxa de fecundidade de diversos estudos, brasileiros e franceses, onde podemos fazer algumas colocações pertinentes aos processos demográficos envolvidos.

Tabela 1: Fecundidade comparada por grupos de idade: diversas localidades.

Mulheres Casadas no período	Idade observada da mãe								N.º de Uniões
	10-14	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49	
Campinas (SP): 1774-1850	393	563	564	485	389	252	112	41	456
Elite do Oeste Paulista: 1765-1836	157	427	414	420	402	282	159	39	-
Sorocaba (SP): 1679-1810	227	366	407	376	335	268	138	30	-
Ubatuba (SP): 1790-1830	363	480	469	421	388	247	167	47	750
Curitiba (PR): século XVIII	279	455	474	461	387	323	216	50	-
N. Sr. ^a da Lapa (PR): 1770- 1829	195	383	358	302	267	230	150	43	399

Fonte: Campinas - Registros Paroquiais de Campinas.

Sorocaba, Elite do Oeste Paulista e Curitiba – BACELLAR, Carlos de Almeida Prado. *Família e sociedade em uma economia de abastecimento interno (Sorocaba, séculos XVIII e XIX)*. Tese de Doutorado. FFLCH-USP: São Paulo, 1994, p.124.

Ubatuba – MARCÍLIO, M. L. *Caiçara: terra e população – estudo de demografia histórica e da história social de Ubatuba*. São Paulo: Edições Paulinas/CEDHAL, 1986, p. 158.

N. Sr.^a da Lapa – VALLE, M. S. do. *Nupcialidade e fecundidade das famílias da Lapa: 1770-1829*. Tese de doutorado. FFLCH-USP: São Paulo, 1983, p. 252.

² Muitos estudos consideram a idade fértil da mulher variando dos 15 aos 49 anos. No entanto, encontramos mulheres que se casaram precocemente, com 12, 13 ou 14 anos, o que nos levou a adotar esse recorte. Além disso, em vários casos que foi atribuída data de nascimento a uma mulher casada optamos pela idade dos 14 anos.

De forma geral os níveis de fecundidade mais elevados ocorreram entre 15 e 24 anos, demonstrando ser esse um comportamento comum a quase todas as localidades em apreço.

O fenômeno da esterilidade das mulheres mais novas também pode ser observado de forma geral, onde a totalidade das comunidades estudadas que apresentaram uma taxa de fecundidade entre as mulheres de 10-14 anos revelou que a mesma foi inferior aos valores encontrados para as mulheres com idades superiores a estas.

Por outro lado, entre as mulheres que atingiram a idade de 40 anos ou mais notamos que houve uma diminuição acelerada da sua fecundidade, indicando o princípio da menopausa, e, portanto, o fim de sua capacidade reprodutiva.

Quando observamos comparativamente as localidades nos surpreendemos com os resultados da fecundidade das mulheres livres em Campinas, uma vez que são as mais elevadas entre as mães de 10 até 29 anos de idade. Entre a faixa de 30 a 34 anos aparecem as mulheres da elite do Oeste Paulista, das quais várias eram de Campinas. Após essa idade, as mulheres de Curitiba foram as que apresentaram índices mais elevados para os anos entre 35 e 49 anos, no entanto, a força da fecundidade nos anos iniciais de vida conjugal era fundamental para que uma família viesse a ter um grande número de filhos.

**Tabela 2: Taxa de fecundidade corrigida
Campinas, 1774-1850.**

Idade ao Casar	N.º de Uniões	10-14	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49	Desc. Completa
10-14	178	393	537	562	426	335	168	68	12	11,2
15-19	144		620	573	424	385	265	122	72	10,7
20-24	89			545	587	417	287	132	22	8,8
25-29	26				936	542	349	233	131	9,0
30-34	13					506	457	45	0	3,6
35-39	5						233	157	0	1,2
40-44	1							0	0	0,0
45-49										
TOTAL	456	393	563	564	485	389	252	112	41	10,1

Fonte: Registros Paroquiais de Campinas.

As informações para Campinas reforçam a idéia que Marcílio propôs para as regiões de *plantation* (1984, p. 200), ou seja, que encontraríamos uma elevada fecundidade legítima, que contribuiria para garantir uma pronunciada natalidade. Assim, ao analisarmos a taxa de fecundidade das mulheres livres pela idade ao casar, segundo a tabela 2, vamos constatar que a fecundidade legítima era precoce e muito elevada, não somente entre as mulheres jovens, isto é, aquelas com idade máxima de 20 anos, mas também entre as que tinham entre 25-29 anos de idade. Nota-se, que neste caso, as mulheres tiveram uma média de aproximadamente um filho por ano! Não obstante a esse ritmo de crescimento familiar enorme, as mulheres que se casaram entre 25 e 29 anos vieram a ter uma descendência média de 9 filhos, enquanto as que se casaram mais jovens, por exemplo, aos 14 anos, vieram a ter 11 filhos em média. Isso demonstra que apesar de uma elevada taxa de fecundidade a idade ao casar foi um fator preponderante sobre a descendência final em sociedades que não apresentavam controle sobre a natalidade.³

**Tabela 3: Intervalos entre nascimentos recenseados.
Campinas, 1774 – 1850.**

Número Total Crianças	Número de Uniões	Intervalos Médios					
		1-2	2-3	3-4	4-5	5-6	6-7
2	110	40,41					
3	140	31,74	35,31				
4	143	28,01	31,25	33,22			
5	135	28,92	28,28	34,41	36,47		
6	136	23,94	28,56	28,41	29,42	44,95	
7+	509	23,18	26,35	26,25	26,01	27,00	28,68
TOTAL	1.173	27,77	28,94	28,97	28,49	30,90	28,68

Fonte: Registros Paroquiais de Campinas.

Rejeições de Uniões:

4 = A união possui menos de duas crianças.

Quando examinamos os intervalos entre os nascimentos levantados pelo número de filhos que um casal possuiu (Cf. tabela 3), observamos que aqueles que tiveram uma prole maior conceberam filhos em um espaço de tempo abaixo da média encontrada

³ Bacellar (1994, p. 118) exemplifica esse fato para Sorocaba ao citar duas mulheres que se casaram precocemente e vieram a ter um grande número de filhos.

para o grupo. Dessa forma, dentre as uniões que apresentaram mais de duas crianças 66,5% delas correspondiam as que possuíam mais de cinco filhos.

Isso demonstra que a descendência final de uma família foi fortemente influenciada pelo espaçamento dos nascimentos.

Ao analisarmos a idade média das mães no último nascimento vemos que entre aquelas que se casaram mais cedo (entre 10 e 14 anos) havia a interrupção dos nascimentos também mais cedo (em torno de 30 anos de idade), ao passo que aquelas que vieram a se tornar mães com idade mais elevada, por exemplo, 30 anos, tiveram filhos com idade de até 38 anos. Desse modo, o número de filhos de uma mulher estava intimamente ligado à idade com que se casou bem como a idade com que gerou seu último filho, conforme ilustra a tabela 4.

**Tabela 4: Idade média da mãe no último nascimento.
Campinas, 1774 – 1850.**

Idade ao Casar	Número de Fichas	Idade Média	Idade ao Casar	Número de Fichas	Idade Média
10-14	50	32,50	10-19	105	35,54
15-19	55	38,31	20-29	46	38,49
20-24	34	37,85	30-49	9	39,44
25-29	12	40,30	-	-	-
30-34	7	38,11	-	-	-
35-39	2	44,09	-	-	-
40-44	-	-	-	-	-
45-49	-	-	-	-	-
TOTAL	160	36,61		160	36,61

Fonte: Registros Paroquiais de Campinas.

Total das rejeições: 1.404

Rejeições de Uniões: 1 = 517; 2 = 544; 3 = 46; 4 = 270; 5 = 9; 6 = 18.

1 = A união não tem data de casamento conhecida ou o código de união não é válido.

2 = A união não tem data de fim de união.

3 = A data de nascimento da mãe é desconhecida.

4 = A união teve fim de união quando a mulher tinha menos de 45 anos.

5 = A união não teve filhos.

6 = O código da data de nascimento do último filho não é válido.

Notamos ainda que em Campinas, a descendência completa, que diz respeito ao número médio de crianças de um casal cuja união não sofreu ruptura até a mulher atingir os 45 anos de idade, foi relativamente menor que a atingida por mulheres de outras localidades brasileiras, uma vez que nosso estudo mostra a tendência das mulheres que se casaram com idade entre 10 e 19 anos de interromperem mais cedo o ciclo

reprodutivo. Assim, a descendência de uma mulher que se casou entre 12 e 19 anos variou de 6 a 7 filhos. Essa média, relativamente baixa em relação à descendência completa teórica, ou seja, os casos em que as mulheres permaneceriam casadas e gerando filhos até os 49 anos de idade, resultando em numerosa prole, deixa entrever dois aspectos que estão relacionados a essa fecundidade: primeiro, a mortalidade materna ou paterna, rompendo o ciclo reprodutivo; segundo, a mortalidade infantil elevada e seu subregistro nos livros eclesiásticos.

Conforme notamos pela tabela 5, a média do número de filhos decresce à medida que se eleva a idade ao casar da mulher, não obstante deve-se fazer uma consideração em relação às idades que variam de dez a quatorze anos, pois essas tiveram uma média pouco menor que as obtidas para as mulheres de 15 – 19 anos. Isso pode ser explicado, em parte pelo que até aqui temos demonstrado, ou seja, que entre as mulheres mais jovens os intervalos genésicos foram mais espaçados que o das mulheres mais velhas. A segunda explicação seria decorrente daquilo que diversos autores tem apontado como o fator da “esterilidade” das mulheres mais jovens.

Tabela 5: Número médio de filhos das famílias segundo a idade ao casar da mulher. Campinas, 1774 – 1850.

Idade ao Casar	Fichas Fechadas		Fichas Abertas		Total	
	N.º de Fichas	Média de Filhos	N.º de Fichas	Média de Filhos	N.º de Fichas	Média de Filhos
10-14	178	6,47	200	2,34	378	4,29
15-19	144	6,56	175	2,58	319	4,38
20-24	89	5,27	57	2,16	146	4,05
25-29	26	5,08	31	2,19	57	3,51
30-34	14	2,29	9	1,78	23	2,09
35-39	5	1,00	4	0,50	9	0,78
40-44	1	0,00	1	0,00	2	0,00
45-49	-	-	2	0,00	2	0,00
50 e +	-	-	2	1,00	2	1,00
TOTAL	457	5,98	481	2,35	938	4,12

Fonte: Registros Paroquiais de Campinas.
Rejeições de fichas fechadas: 517.
Rejeições de fichas abertas: 109.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As suspeitas de Maria Luiza Marcílio quanto à existência de elevadas taxas de fecundidade legítima nas áreas de *plantation* se confirmaram, garantindo assim uma pronunciada natalidade. Além disso, as taxas de fecundidade para Campinas foram uma das maiores já encontradas dentre vários lugares estudados no Brasil, resultado claro de uniões em que a idade média ao casar da mulher foi em torno de 17 anos, e que o espaço entre os nascimentos foram menores entre as mulheres mais jovens, garantindo assim uma prole extensa, com cerca de 11 filhos em média. No entanto, ao se analisar a descendência entre as famílias ditas completas, notou-se que outros elementos impediam muitos casais de terem muitos filhos, como a morte prematura de muitas crianças, bem como a morte das próprias mães, resultando em um número de filhos menor.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

BACELLAR, Carlos de Almeida Prado. Família e sociedade em uma economia de abastecimento interno (Sorocaba, séculos XVIII e XIX). Tese de Doutorado. FFLCH-USP: São Paulo, 1994.

HENRY, Louis. *Técnicas de análise em Demografia Histórica*. Curitiba: Univ. Fed. do Paraná, 1977.

MARCÍLIO, Maria Luiza. *Crescimento demográfico e evolução agrária paulista: 1700-1836*. Tese de Livre-Docência em História, FFLCH – USP, 1974.

_____. Sistemas demográficos no Brasil do século XIX. In: MARCÍLIO, M. L. (org.) *População e sociedade: evolução das sociedades pré-industriais*. Petrópolis: Vozes, 1984, pp. 193-207.

_____. *Caiçara: terra e população – estudo de demografia histórica e da história social de Ubatuba*. São Paulo: Edições Paulinas/CEDHAL, 1986.

VALLE, M. S. do. *Nupcialidade e fecundidade das famílias da Lapa: 1770-1829*. Tese de doutorado. FFLCH-USP: São Paulo, 1983, p. 252.

TEIXEIRA, Paulo Eduardo. *A formação das famílias livres e o processo migratório: Campinas, 1774-1850*. Tese de Doutorado. FFLCH-USP: São Paulo, 2005.

WELTI, Carlos. *Demografia. I*. México: PROLAP, 1997.